

# Qual escrita?

O professor Jorge Miguel Marinho enuncia, no excelente livro *A convite das palavras*, a ideia de que toda experiência individual tem como fim se comunicar com o mundo, e isso por si só já é motivação mais do que suficiente para querer escrever. Na sociedade atual, cabe à escola esse direcionamento à escrita, atrelado ao que o autor chama de “motivação natural”.

Com motivação natural ou não, é consenso que escrever um texto é parte importante no processo escolar em qualquer lugar do mundo. É da escola a função de promover instrumentos, processos para que se aprenda a escrever e a qualificar essa escrita.

Chegou-se a pensar, certa vez, que a escrita estava condenada pela televisão, pelo cinema e pela fotografia; entretanto, ela ressurgiu no mundo, com o advento da tecnologia e da popularização dos meios de comunicação virtual. A internet de casa e os smartphones de bolso renovaram a necessidade de comunicação verbal escrita e trouxeram de volta outros questionamentos, como: qual escrita?

Os adolescentes são os mais ávidos pela comunicação virtual instantânea. Na outra ponta, no flanco do purismo e munido dos seus cálamos, estão os que veem, na frenética comunicação entre os jovens e sua instantaneidade, uma não escrita. Esses rechaçam a ideia de que a combinação de emojis, letras, repetições, sinais gráficos... pode comunicar. Essa escrita, porém, não tem volta. Pelo contrário, renova-se nos espaços dentro da universalidade para a qual foi concebida, tornando-a uma semiótica desse próprio suporte, quase autônoma frente à própria língua.



@keninillustration/Socypatro

A escrita virtual, contudo, é um fato e um abismo em sua relação com o mundo do trabalho e com o mundo da ciência. Se, por um lado, essa comunicação ganha cada vez mais popularidade com os jovens, por outro, exige-se desses mesmos jovens uma preparação para a formalidade do exame de conclusão do Ensino Médio, o esperado Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), e para a forma de comunicação nas universidades.

Dados do Enem dizem muito sobre nossa capacidade de educação formal dentro de um sistema tão complexo como o brasileiro. No Enem 2014, por exemplo, 529.374 participantes tiveram nota zero na redação. Isso representou quase 10% de todos os participantes do Exame. Para tirar uma nota tão baixa, o aluno deve mostrar total inabilidade no registro das informações. Em 2014, a falta de coerência e até desenhos anularam a redação de milhares de candidatos ao Ensino Superior.

Como lidar com os diferentes espaços da escrita tornou-se, então, o desafio da escola atual. Tal como a fala, a escrita ganha estilos (escolhas) diferentes a cada espaço social frequentado ou papel social desempenhado. Isso quer dizer que suporte e gênero devem pautar o ensino de língua portuguesa e toda a função social que exercem nas relações humanas da atualidade. ■

[www.educarbrasil.org.br](http://www.educarbrasil.org.br)



**Tony Charles Labanca**

Mestre em Linguística, colaborador do Portal EducarBrasil e coordenador de Linguagens do Colégio Sagrado Coração de Jesus